



AGLOMERAÇÃO INDUSTRIAL DE CONFECÇÃO E DE VESTUÁRIO EM DUAS CIDADES NORTE-MINEIRAS: Uma Análise Panorâmica da Estrutura e da Oferta de Emprego

APPAREL AND CLOTHING INDUSTRIAL AGGLOMERATION IN TWO CITIES IN THE NORTH OF THE STATE OF MINAS GERAIS: An Analysis of the Structure and Employment Offer

Juventino Ruas Abreu Júnior ⁽¹⁾

Maria Da Luz Alves Ferreira ⁽²⁾

Anete Marília Pereira ⁽³⁾

Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Montes Claros-MG

RESUMO

Este estudo analisou uma emergente aglomeração de empresas industriais, ligadas a segmentos CTC de Confecção e de Vestuário, entre os anos 2007 a 2016, presentes nos municípios de Espinosa e Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais, com o propósito de discutir, observando panoramicamente seus determinantes estruturais, sua importância como empregadora. Valendo-se da pesquisa exploratória, descritiva e da análise de dados secundários constituídos por entrevistas com representantes de órgãos, entidades e lideranças empresariais, constatamos que, em termos de estrutura, o aglomerado estudado se assemelha a outros no país, com a predominância de MPE's: intensivo em mão de obra; predominância de trabalhadoras; extensa pauta produtiva e baixos salários. A participação do aglomerado na composição da massa salarial local, particularmente no município de Espinosa, é superada apenas pelos setores de Administração Pública, Comércio e Serviços, demonstrando sua relativa importância para a economia desses municípios.

Palavras-chave: Aglomerado industrial; Espinosa; Monte Azul.

ABSTRACT

This study analyzed an emerging agglomeration of industrial companies, linked to the apparel and clothing segments, from 2007 to 2016, in the municipalities of Espinosa and Monte Azul in the north of Minas Gerais state with the purpose of looking at its structural determinants and discuss its importance as an employment source. Drawing an exploratory and descriptive research and analysis of secondary data consisting of interviews with representatives from agencies, entities and business leaders, we found that in terms of structure, the studied agglomeration resembles others in the country with the predominance of micro and small enterprises: labor intensive; predominance of female workers; extensive productive agenda and low wages. The participation of this agglomeration in the composition of the local average wage, particularly in the municipality of Espinosa, is only surpassed by civil service, commerce and services sectors, demonstrating its relative importance for these municipalities economy.

Keywords: Industrial agglomeration; Espinosa; Monte Azul.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa uma emergente aglomeração produtiva localizada ligada à Cadeia Industrial Têxtil de Confecção e do Vestuário – CTC, nos municípios de Espinosa e Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais, entre os anos 2007 a 2016, com o propósito de detectar sua contribuição na prosperidade socioeconômica dessas cidades, com base no tipo e no valor do emprego por elas propiciado.

A motivação para a proposição deste estudo parte, em primeiro lugar, por constatar que apesar de esta aglomeração estar presente entre os municípios de Espinosa e Monte Azul, no extremo norte do estado de Minas Gerais, pouco se sabe sobre ela, em função da inexistência de estudos socioeconômicos ou especializados publicizados. Segundo, pelo fato curioso de se observar que a sua emergência ocorre depois de terem sido os municípios, onde se localiza a aglomeração, afetados socioeconomicamente pelo fim do ciclo regional da cultura do algodão, na década de 1980, época em que figuravam dentre os principais protagonistas produtores desse insumo.

Isso posto, apresentamos as seguintes questões norteadoras: (i) Apesar de midiaticamente se falar muito dessa aglomeração industrial de confecção e do vestuário em Espinosa e Monte Azul-MG como “Polo da Moda” ou “Aglomerado Produtivo do Vestuário de Espinosa”, indaga-se: Quais fatores endógenos e exógenos contribuem para delinear sua estrutura industrial e contribuição na oferta de empregos?; (ii) Em comparação com os demais setores econômicos atuantes nos dois municípios, qual parcela de contribuição pode ser atribuída ao segmento de confecção

e vestuário, em termos de oferta de massa salarial nominal?; (iii) O perfil do emprego propiciado, por esse aglomerado industrial, em termos da distribuição por tipo de sexo, escolaridade e média salarial, equivale ao que se pratica no restante do país?

A fim de responder a estas questões, este estudo analisa uma emergente aglomeração de empresas industriais ligadas aos segmentos industriais de Confecção e do Vestuário, entre os anos 2007 a 2016, presentes nos municípios de Espinosa e Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais, com o propósito de discutir, observando panoramicamente seus determinantes estruturais, a sua importância como empregadora.

De forma específica, pretendeu-se ainda: (i) identificar estruturalmente, quais políticas públicas, ações e articulações entre forças endógenas e exógenas têm fomentado esse aglomerado industrial localmente; (ii) realizar uma análise dos indicadores de emprego, visando estabelecer uma comparação entre o perfil dos empregos ofertados pelo segmento industrial do aglomerado versus àqueles praticados pelo setor nas demais regiões do país; (iii) analisar, de forma comparativa, os indicadores apresentados pelo aglomerado, em termos de massa salarial nominal ofertada pelo setor, com os demais setores empregadores da economia localmente.

NOTAS TEÓRICAS

Aglomerações produtivas: gênese e evolução das abordagens

A abordagem conceitual das aglomerações produtivas localizadas deve a Alfred Marshall (1842-1924) o seu pioneirismo. Ele analisou as vantagens da proximidade entre pequenas empresas, em cidades da Inglaterra, com enfoque nas

economias de aglomeração. Para Marshall (1996, p. 320), “o aparecimento de uma determinada indústria em uma cidade pode ter sido determinado por um ou outro acidente [...] como também, por suas facilidades no comércio”, com potencial para influenciar a liberdade industrial e empresarial.

Desde Marshall (1996), a literatura especializada, no estudo da organização industrial localizada, tem se avolumado na forma de diversos frameworks teóricos analíticos distintos, em diversas áreas do conhecimento, como a economia, a geografia e a sociologia econômica e também urbana (ENDERLE; GUERRERO; CÁRIO, 2005).

As abordagens sobre o industrial clustering (SUZIGAN, 2001, p. 28) incluem em seus postulados vários enfoques, dentre esses: (1) os que se inspiram na experiência dos distritos industriais italianos e europeus, de um modo geral; (2) os que se baseiam na natureza localizada da inovação tecnológica, na dinâmica industrial; (3) os que se fundamentam na ciência regional para estabelecer relação entre geografia econômica e desempenho industrial; (4) os que focalizam as estratégias das empresas, em busca de vantagens competitivas geograficamente restritas. Mas, sem dúvida, para esse autor, o mais influente na contemporaneidade, tem sido os (5) abordados pela Nova Geografia Econômica - NGE.

Nos distritos industriais marshallianos, que Becattini (1990) descreveu como entidades sócio-territoriais, caracterizadas pela interatividade de comunidades de pessoas e de empresas presentes em determinadas áreas delimitadas natural e historicamente, ocorrem certa simbiose que conecta a atividade produtiva à comunidade. Nessas condições, são disseminadas visões e valores culturais

homogeneizados na comunidade local. Esse potencial contribui para estabelecer vínculos verticais e horizontais de cooperação entre os atores, podendo inclusive incentivar o surgimento de novos empreendimentos.

Já as abordagens sobre a vertente da indústria localizada de inovação tecnológica foram inspiradas inicialmente nos pressupostos marshallianos, com os spillovers de conhecimentos, recebendo adiante o reforço das contribuições de Schumpeter (1982), em sua defesa das inovações tecnológicas como propulsoras do sistema capitalista. Essas influências vêm pautando novas abordagens que, aliadas a evolução dos paradigmas tecnológicos de comunicação e de inovação, passam a focar tanto nas condições quanto em fatores organizacionais e culturais postos a afetar as instituições localizadas (VALE, 2006).

O advento da análise regional econômica emerge da geografia, abordando aspectos sobre a economia de base rural, quando Von Thünen (1966) defende que a renda econômica depende da distância das atividades rurais do mercado, por conta dos custos de transportes e das condições de mercado. Em seus pressupostos, o autor determina que a seleção de culturas ocorre a partir da cidade como ponto de irradiação - na forma de anéis concêntricos - num gradiente para as culturas rurais.

Adiante, no pós-segunda Guerra Mundial, com o incentivo ao crescimento econômico como vetor de prosperidade, a perspectiva da análise espacial, conforme Isard (1956, 1969), apresenta pressupostos e contribuições sobre o desenvolvimento regional, sugerindo uma abordagem de análise regional multidisciplinar. O autor recupera discussões anteriores sobre custos de transporte, de mão de obra, entre outros fatores, incidentes sobre as atividades econômicas, concluindo que os requisitos de

localização das firmas são de dotação geográfica.

Com a abordagem dos clusters regionais, Porter (1999; 2003) busca identificar fatores geradores de vantagens competitivas de empresas, regiões e nações pelo mundo. Especificamente, observando várias regiões nos Estados Unidos e Europa, detectou que o desempenho das economias regionais é decorrente da força demonstrada pelos aglomerados locais (clusters), a partir de sua vitalidade e diversidade com a inovação. Isso, sem desprezar a intensidade da competitividade entre empresas rivais no território e, também, as possibilidades colaborativas interelos nas cadeias produtivas.

A partir da Nova Geografia Econômica - NGE - decorre um referencial analítico composto por elementos que se postam em confronto: de um lado estão as forças centrípeta, baseadas em economias de aglomeração externas, que propiciam linkages e induzem à concentração de empresas e atividades; de outro, postam-se as forças centrífugas, compostas por fatores fixos/ imobilizados, que desestimulam a concentração (KRUGMAN,1991; FUJITA; KRUGMAN; VENABLES,1999).

Embora Suzigan (2001) não despreze as contribuições relevantes desses autores à NGE, observa-se, como também o fizeram aqueles autores, que os pressupostos para análise de aglomeração de atividades econômicas localizadas ainda carecem de referencial mais robusto, tendo em vista a existência de lacunas para efeito de análise empírica, em situações de heterogeneidade socioespacial, e pelo fato de inspirarem políticas públicas.

E esse autor assim compreende, reforçando sua tese, ao citar as contribuições

de Scott (1998), quando enfatiza que nas localidades onde ocorrem aglomerações produtivas que prosperam, ocorrem economias externas, produtos das construções sociais de ativos político-culturais endógenos, como a confiança mútua; efeitos de aprendizado; entendimentos tácitos, linguagem especializada, conhecimento específico e, ainda, estrutura de governança. Condição também reforçada por Porter (1999) quando asseverou que mecanismos organizacionais e aspectos culturais formais e informais em um aglomerado produtivo local desempenham papel importante, propiciando melhores soluções em seu âmbito.

No caso brasileiro, após a virada dos anos 1990, acentua-se o debate sobre as formas que poderiam engendrar políticas públicas que, pensadas em macroescalas, fomentassem o desenvolvimento das atividades produtivas aglomeradas tendo em vista a necessidade de haver no país uma base industrial distinta daquela verificada nos países centrais. Nesse contexto, emerge o termo Arranjo Produtivo Local - APL - concebido como "um guarda-chuva" (COSTA, 2010, p. 18) - que abriga uma ampla diversidade de situações congêneres de aglomerações produtivas, passando a ser adotado como uma referência para orientação de políticas públicas.

A esse respeito, verificamos que há uma profusão de nomenclaturas propostas para designar as aglomerações produtivas e, considerando que persiste uma disputa conceitual por sua taxonomia, optamos, em razão de nosso objeto de estudo, sem desprezo às diversas contribuições do gênero existentes, pela não adoção de qualquer uma dessas, passando desde já a taxar o aglomerado industrial presente em Espinosa

e Monte Azul, Minas Gerais, simplesmente como aglomeração de empresas dos segmentos CTC, de confecção e do vestuário.

A Cadeia Têxtil de Confecção e de Vestuário - CTC: contexto e configuração

Conforme a Associação Brasileira da Indústria Têxtil - ABIT (2016), a CTC é estruturada pelos seguintes elos/segmentos, a saber: pelo beneficiamento de fibras e filamentos têxteis naturais e químicos; pela fiação; pela tecelagem de tecidos planos e beneficiamento, malharia e aviamentos; pela confecção: linha lar, vestuário e confecções técnicas; pelos canais de comercialização (exportação, varejo, vendas por catálogo, vendas eletrônicas) e pelos consumidores. Faz parte também do complexo: o setor de máquinas e equipamentos; fornecedores (diversos); o setor de insumos químicos; os centros de pesquisa e desenvolvimento e as universidades.

Estruturada dessa forma, a CTC, segundo o Estudo sobre a Competitividade das Cadeias Industriais Brasileiras - ECCIB (2002), mostra que as diferentes escalas dos seus três maiores segmentos são distintas entre si: as empresas de fibras e filamentos são de grande porte, contando no geral com capital estrangeiro; no elo de confecções, as empresas são, em sua ampla maioria, de pequeno porte, intensivas em mão de obra e contam com capital nacional. Já as empresas do elo têxtil, de porte intermediário (médias), geralmente contam com capital nacional.

Para a ABIT (2017), em 2015, das 29.222 empresas do setor de confeccionados, apenas 0,3% eram de grande porte, sendo as demais (99,7%) compostas por micro e pequenas empresas, que juntas ofertam cerca de 75% da mão de obra utilizada em toda CTC, em sua maior parcela (73%), composta pelo sexo feminino. Em termos de escolaridade foi detectado no mesmo período

apurado que 45% de toda mão de obra empregada possuía o ensino médio completo, outros 18%, o ensino fundamental completo. Outros 12% possuíam o ensino médio incompleto, 16% frequentaram séries do ensino fundamental e, por fim, 4,5 possuíam o ensino superior completo.

No contexto internacional, a inserção da CTC é fortemente influenciada por quatro características básicas: tendências para o maior consumo de fibras químicas (consideradas as mais importantes); maior dependência dos produtos, conforme variação da moda; crescente difusão do supply chain management e constante flutuação da realocação de atividades (ECCIB, 2002).

No Brasil, os níveis mais elevados de competitividade da CTC estão localizados no elo da fiação, especificamente por conta do aporte de fibras naturais, como o algodão, posicionando o país na 5ª colocação mundial, a exemplo do que ocorre em países da Ásia favorecidos também pela disponibilidade de mão de obra barata. O bloco de países asiáticos ocupa, na atualidade, a liderança na exportação de tecidos e confecções no mundo, com porção acima de 60% de tudo o que é produzido. Já o Brasil detém menos de 2% desse mercado, tendo como foco comercial principal o mercado interno, despontando como o 5º maior consumidor. (CAMPOS; DE PAULA, 2006, p. 593).

No contexto brasileiro, a região Sudeste seguida pela região Sul são as que concentram os maiores volumes de atividades produtivas e comerciais envolvendo a CTC. Essas regiões lideram respectivamente com os elos da fiação, tecelagem e confecção (Sudeste) e com a malharia (Sul). Apesar da liderança da região Sudeste na produção e na comercialização de produtos originários da CTC, em Minas Gerais, a inserção da CTC na geração de

riqueza é bem ínfima, quando comparada ao contexto da produção industrial geral.

Conforme dados da Fundação João Pinheiro - FJP, com base no estudo sobre a Cadeia Produtiva da Moda de Minas Gerais (2016), a CTC contribuiu com a geração do Valor Agregado - VA, com a economia do estado de Minas Gerais, no período de 2010 a 2013, em média, com 0,84%. No geral, a formação do VA mineiro ficou assim distribuída: o setor de serviços foi o líder, com 63,69%; a administração pública contribuiu com outros 15,28%; seguida pelo comércio com 12,33% e, por fim, a indústria com 30,68%. No caso da indústria, a maior parcela foi decorrente de sua contribuição com a indústria da transformação, a qual a CTC se vincula com 13,50%, sendo que desse percentual a indústria da confecção e do vestuário participou com 0,84%.

No que diz respeito à distribuição da geração do VA da CTC pelas mesorregiões do território mineiro, o estudo da FJP (2016) mostrou que se destacam os territórios do Oeste (1º), Metropolitano (2º), Norte (3º), Mata (4º) e Sul (5º). Ao todo, segundo o estudo, esses territórios contribuem com 75,37% do VA pela CTC no Estado.

Alterações ou Mudanças na CTC após a abertura das importações: as medidas protetivas nacionais e os acordos internacionais

Entre os anos de 1974 a 1994, as importações de têxteis e confeccionados de 30 países produtores, signatários do GATT (General Agreement on Tariffs and Trade) foram reguladas pelo acordo MFA (Multifibre Arrangement) ou Acordo Multifibras, definindo postura protecionista e discriminatória em relação aos países exportadores (principalmente os emergentes), a partir de cotas de exportação e

mecanismos de proteção setoriais, visando salvaguardar signatários em países centrais, para que países emergentes exportadores adquirissem, durante a vigência dos vários protocolos firmados, condições para competir equitativamente no mercado internacional, até o final de sua vigência no ano de 2005 (BRUNO, 2016).

Com o fim desse acordo, em janeiro de 2005, extingue-se uma longa fase de competitividade artificial internacional de produtos produzidos pela CTC, fazendo com que diversos players, principalmente de países emergentes, desenvolvessem novas estratégias para aumentar sua inserção no mercado exportador (MENDES, 2007).

Para o Brasil que, desde o final dos anos 1980 vinha adotando uma sequência de medidas visando sua reinserção competitiva no mercado internacional, tendo em vista o nefasto período vivido com a política interna de substituição das importações passou, a partir dos anos 1990, a intensificar mudanças no regime de importações atreladas a uma nova política industrial para o comércio exterior (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998).

Contudo, a exposição da economia brasileira a essa onda liberalizante a submeteu a efeitos perversos da agressiva concorrência, principalmente de origem asiática, afetando principalmente setores industriais internos caracterizados por baixa inserção internacional, atraso tecnológico, amplitude e heterogeneidade de segmentos de baixa escala produtiva, como ocorre com os segmentos ligados à CTC, de confecção e de vestuário (ANÁLISE DA EFICIÊNCIA ECONÔMICA E DA COMPETITIVIDADE DA CADEIA TÊXTIL BRASILEIRA - IBRE/FGV, 1999).

Por outro lado, em termos de política industrial, observou-se que o segmento de

produção de fibras do algodão, do elo à montante da CTC brasileira, estruturado em sistemas de produção intensivos mais competitivos foi, no mesmo período, favorecido por incentivos dos governos federal e estadual. Em relação a isso, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, viabilizando recursos e tecnologia em associação com incentivos advindos, por exemplo, do governo do estado do Mato Grosso do Sul, incrementaram fortemente o setor nesse estado, alçando-o à condição de maior produtor nacional (AMARAL, 2008).

Mesma sorte não tiveram outros produtores como, por exemplo, os pequenos produtores de algodão de sequeiro extensivo (não irrigado) concentrados nos municípios de Espinosa e em Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais que, desprovidos de capital para investimento, não orientados ou assistidos tecnicamente, ficaram à deriva e viram seus negócios sucumbirem.

Em sua fase áurea, entre meados dos anos 1950 a 1975, essa região viveu um ciclo virtuoso com a produção do algodão, chegando a atingir ao final do período cerca 41,54% do valor da produção de todo o estado, ocupando 26% de toda a área regional. Contudo, com o ingresso no país da praga do besouro “Bicudo” associada à baixa capacidade financeira e tecnológica desses produtores, a produção regional de algodão teve seu fim em meados dos anos 1980, submetendo toda a região abrangida a uma grave crise socioeconômica (OLIVEIRA et al., 2000).

Apesar disso, parece que certos territórios, mesmo após reveses socioeconômicos a que são submetidos, preservam um conjunto de valores e intenções comunitários imersos, sedimentando bases favoráveis para a

formação de coalizões territoriais na busca de iniciativas para tentar virar o “jogo”, retomar o crescimento, os empregos e a renda (CASAROTTO FILHO E PIRES, 1998). Até porque, não se tem notícia se existe uma receita certa para superar esses reveses (ABRAMOVAY, 2000).

Indústrias localizadas X oferta de emprego e de salários

A análise de fatores locais de indústrias visa à compreensão da melhor relação custo benefício inicialmente inerentes tanto à macrolocalização e microlocalização, envolvendo historicamente, entre outros, aspectos como custo de mão de obra e, na atualidade, também fatores intangíveis de caráter subjetivo ou cultural (KON, 1994). Muito embora a prosperidade numa localidade onde se tem estabelecida uma aglomeração industrial dependa da produtividade e das escolhas de atividades pelas empresas nela atuantes. Isso porque, a produtividade determina níveis salariais e lucros potenciais de maneira sustentável. Por isso, compreender a real situação de um aglomerado produtivo numa determinada economia possibilita importantes *insights* sobre seu respectivo potencial ou limitações no presente e no futuro (PORTER, 1999).

Na mesma linha, Bresser-Pereira (2019) observou que o desenvolvimento econômico condicionado pela acumulação de capital e pela sofisticação produtiva resulta na melhoria da produtividade e dos salários. Este último fator, segundo o autor, é decisivo para isso, tendo em vista que sem aumento dos salários reais não há melhoria dos padrões de vida da população.

Por isso, a análise do valor do emprego ofertado por uma atividade industrial aglomerada local deve permitir desvelar se ela se assemelha com o que comumente se vê em países em

desenvolvimento, como decorrente de práticas exercidas por determinadas atividades produtivas em que, numa espécie de flutuação espacial, procuram se valer do aproveitamento temporal de facilidades locais diversas para atuar pela via da especialização flexível. Todo esse cenário pode favorecer subcontratações para execução de etapas produtivas, ocasionando em muitos casos a precarização das condições de trabalho, a exploração do trabalhador, além da oferta de baixos salários (ANTUNES, 2006); ou, de outra forma, como previram Porter (1999) e Bresser Pereira (2019), serem decorrentes de políticas endógenas que maximizam para melhor a relação capital-trabalho proporcionando condições de bem-estar aos cidadãos abrangidos.

Para a consecução dos objetivos desta pesquisa, anteriormente descritos, apresentamos a seguir o percurso metodológico eleito.

NOTAS METODOLÓGICAS

O percurso metodológico adotado neste trabalho fez uso de técnicas ligadas à pesquisa exploratória e descritiva qualitativa e quantitativa. Como método definiu-se o estudo de caso, tomando como objeto o coletivo do aglomerado empresarial localizado entre os municípios de Espinosa e Monte Azul, situados na região norte do estado de Minas Gerais (FACHIN, 2006). A fase exploratória visou a busca de fontes secundárias como: estudos, relatórios e/ou boletins técnicos de cunho socioeconômico sobre a atividade industrial aglomerada nos municípios alvo, como também a identificação de lideranças, autoridades e instituições que mantinham algum tipo de relação com aquele aglomerado, atuantes

geograficamente dentro ou fora dele, mas com potencial de oferecer informações e dados relevantes. Buscamos ainda outros econométricos que demonstrassem efeitos da atuação dessa indústria nesse aglomerado, porém, identificamos a inexistência de trabalhos que versassem sobre essa região.

Assim, valendo de um roteiro semiestruturado de questões inerentes ao objeto estudado, foram elaboradas e realizadas entrevistas entre os anos de 2017 a 2019 com os seguintes sujeitos: um representante do SEBRAE/Regional Norte de Minas; um representante da direção da FIEMG/Regional Norte; outro da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Industrial de Espinosa; da Associação Comercial e Empresarial de Espinosa; do Sindicato da Indústria do Vestuário/Norte de Minas e dois empresários do setor de confecção e do vestuário indicados pelos representantes anteriores como sendo as lideranças mais antigas do aglomerado, sendo um de cada município. Vale destacar que embora vários contatos tivessem sido feitos com o propósito de entrevistar a representação sindical dos trabalhadores, não obtivemos sucesso.

Também nessa fase, por oportunidade de visita do coordenador da pesquisa às cidades onde ocorrem o aglomerado, foram realizadas observações narradas em diário de campo a fim de se registrar minúcias que possibilitam a elaboração de estruturas e mapas mentais inerentes ao objeto de estudo (BRANDÃO, 2007).

Nesta fase da pesquisa acessamos também indicadores e estatísticas que abrangem o perfil geográfico, demográfico e socioeconômico dos municípios de Espinosa e Monte Azul, em sítios especializados como, por exemplo, o IBGE; junto a Federação das

Indústrias do Estado do Rio de Janeiro/Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal, para coleta de indicadores sobre o perfil socioeconômico dos municípios abrangidos; junto à Fundação João Pinheiro - FJP (ligada ao governo de Minas Gerais), para caracterização da atuação do setor econômico, objeto do estudo, no âmbito do estado de Minas Gerais. E, a partir de estatísticas setoriais, junto ao sítio do Ministério da Economia/Relatório Anual de Informações Sociais - RAIS, para coleta de dados relacionados à atuação da empresa na localidade, bem como para traçar um ligeiro perfil dos trabalhadores ocupados nas duas localidades e nacionalmente, incluindo dados sobre os demais setores econômicos que contribuem com a massa salarial na economia dos municípios, cujas bases de dados se mostraram de utilidade para os objetivos pretendidos (SAMPLERI, 2006).

Os dados obtidos e extraídos na etapa inicial de coleta são referentes ao período entre 2007 a 2016. Na etapa descritiva eles foram agrupados e expostos em gráficos e tabelas, figurando como indicadores que subsidiaram as análises oferecidas a seguir.

ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS DO LUGAR E AS CONTRIBUIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA ATIVIDADE INDUSTRIAL AGLOMERADA

Nesta seção são oferecidos os principais resultados obtidos e as análises decorrentes, partindo da caracterização geral dos municípios de Espinosa e Monte Azul que contíguos geograficamente concentram a distribuição das empresas e atividades da CTC relacionadas aos segmentos industriais de confecção e de vestuário. Na sequência, com base nos dados e estatísticas obtidas junto ao Ministério da Economia/ RAIS, são oferecidas análises relacionadas aos segmentos da CTC presentes no aglomerado, incluindo análises comparativas sobre perfil do emprego remuneratório, massa salarial relativa, em comparação com os demais segmentos da economia.

Características gerais dos municípios de Espinosa e Monte Azul (MG)

Os municípios de Espinosa e Monte Azul localizam-se no extremo norte do estado de Minas Gerais, na Microrregião de Janaúba e no Microterritório de Desenvolvimento de Espinosa, guardando ligações históricas. Espinosa, ao norte, faz divisa com os municípios de Monte Azul, Gameleiras, Mamonas, Montezuma, Santo Antônio do Retiro e com o estado da Bahia. Já Monte Azul, vizinho de Espinosa, ao sul, faz divisa com Mamonas, Gameleiras, Catuti, Pai Pedro, Santo Antônio do Retiro e Mato Verde.

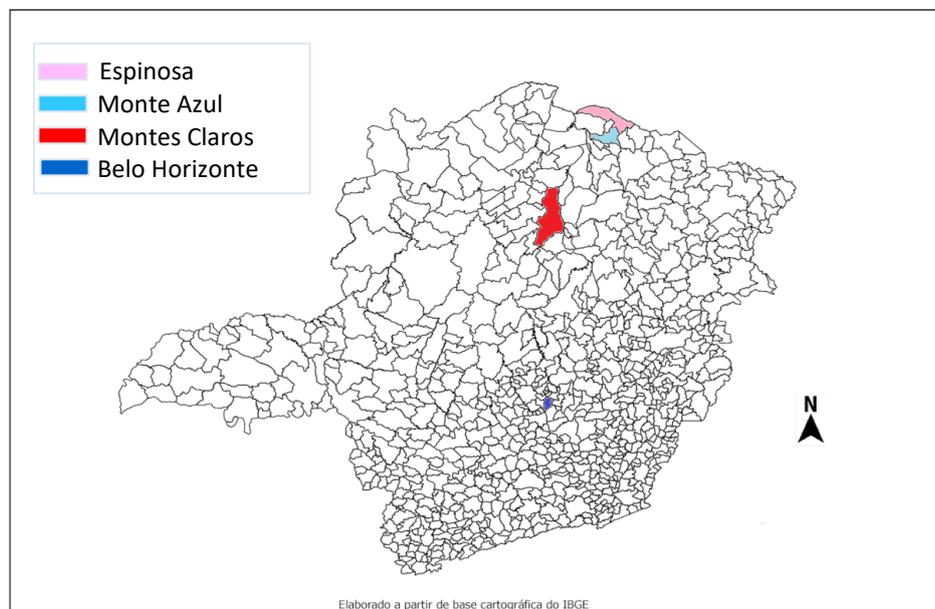


Figura 1: Mapa com a localização dos municípios de Espinosa e Monte Azul

Fonte: Adaptado de Google Imagens (2019)

Espinosa e Monte Azul estão distantes da capital Belo Horizonte cerca de 700 Km e 670 Km, e de Montes Claros cerca de 277 Km

e 245 km, respectivamente. O Quadro 1, na sequência, apresenta alguns indicadores sociais desses municípios:

Município	População		PIB (<i>per capita</i>) (2016)	IDHM (2010)	Índice - IFDM/ FIRJAN		Pessoal Ocupado (2016)	Renda Média (S.M)
	2010	2018*			2007	2016		
Espinosa	31.113	31.624	8.578,93	0,627	0,5126	0,5720	1.946 = (8,9%)	1,4
Monte Azul	21.017	21.994	8.404,62	0,659	0,5428	0,6565	3.424 = (10,6%)	1,5

*projeção IBGE.

Quadro 1 - Espinosa e Monte Azul: alguns indicadores sociais

Fonte: Elaboração própria com base em Atlas Brasil (2013); IBGE Cidades (2019); Índice IFDM FIRJAN (2018).

Conforme Quadro 1, Espinosa tem maior população, 31.113 habitantes (2010), com projeção de 31.624 (2018) em comparação com Monte Azul, com 21.017 habitantes e projeção de 21.994 (2018). No quesito Produto Interno Bruto - PIB - per capita (2016), novamente Espinosa desponta à frente com R\$ 8.578,93 e Monte Azul com R\$ 8.404,62, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010).

No tocante ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que é composto por indicadores de Longevidade, Educação e Renda, de mesma inspiração do IDH Global e parte de 0 chegando ao máximo 1, a média do estado de Minas Gerais (2010) alcançou 0,731. Nos casos estudados, Monte Azul ficou à frente com o IDHM em 0,659 e Espinosa com 0,627.

Apurou-se também a posição dos municípios em relação ao ranking nacional e estadual no Índice de Desenvolvimento

Municipal da Federação das Indústrias do estado do Rio de Janeiro - IFDM/FIRJAN, que se traduz num indicador composto que aglutina, por média simples, estatísticas oficiais de áreas de desenvolvimento humano: Educação; Saúde, Emprego e Renda, distribuindo-se em faixas que partem de 0,0 a 1,0, em que 0,0 a 0,4 = IFDM de baixo estágio de desenvolvimento; de 0,4 a 0,6 = IFDM de desenvolvimento regular; 0,6 a 0,8 = IFDM de desenvolvimento moderado e, de 0,8 a 1,0 = IFDM de desenvolvimento alto.

Em 2007, Espinosa alcançou o IFDM de 0,5126 contra 0,5428 de Monte Azul, o que equivaleu, respectivamente, às posições 4.020º e 3.620º no ranking nacional. Em 2016, estes municípios transitaram no IFDM de 2007 a 2016, para Espinosa = 0,5720 e Monte Azul = 0,6565, reposicionando-se respectivamente na posição 4.548º (abaixo da posição verificada em 2007) e 3.149º (acima da posição verificada em 2007) no ranking nacional. No ranking estadual, Espinosa ocupava em 2007 a 727ª posição e Monte Azul a 656º, passando ambos em 2016, para a posição 789º e 532º, respectivamente.

Note-se que tanto no IDHM (2010) quanto no IFDM (2007-2016) o município de Monte Azul se posiciona à frente de Espinosa no ranking estadual. No caso do IDHM, segundo o Atlas Brasil (2019), vê-se que os dois municípios demonstraram evoluções diferentes entre 2000 e 2010 nos indicadores que os compõem. Enquanto Espinosa obteve melhor desempenho no indicador Educação, seguido de Longevidade e, por último, Renda; Monte Azul também obteve destaque na Educação, seguido pelo indicador Emprego e Renda e, por último, Longevidade.

No comparativo do IFDM/FIRJAN, embora ambos os municípios empatassem no indicador Educação em 1º lugar, figurando como o indicador que mais avançou entre

2007 a 2016, no segundo lugar em diante mostram diferenças. Espinosa, com Longevidade em 2º lugar, demonstra ter conseguido mais avanços na qualidade de vida dos seus cidadãos se comparada à posição de Monte Azul, que alcançou o 3º lugar para Longevidade. No quesito Emprego e Renda, embora Longevidade em Espinosa tenha ficado em 2º lugar, Emprego e Renda obtiveram apenas o 3º lugar, e em Monte Azul, o 2º. Apesar de a média salarial de Espinosa e Monte Azul ter alcançado (2010) entre 1,4 e 1,5 salários mínimos, respectivamente, ficando muito próxima, é preciso lembrar que Espinosa tem a mais que seu vizinho, 10.000 habitantes, o que logicamente interfere no cálculo da média. Contudo, Porter (1999) e Bresser-Pereira (2019) nos lembram de que um dos fatores que contribuem para oferta de bem-estar é o fator renda, a partir da oferta de melhores salários.

No tocante ao IFDM/FIRJAN, verificado em ambos os municípios, notou-se que em 2016 eles ficaram empatados com o seguinte ranking de indicadores sociais: 1º Educação; 2º Saúde e em 3º Emprego e Renda. Apesar de trabalharem sobre uma base de dados assemelhada, os índices IDHM e IFDM são elaborados sob orientações metodológicas distintas e tiveram seus dados coletados em anos distintos - IDHM em 2010 e IFDM em 2007 e 2010, dificultando tecer comparações.

Contudo, considerando os objetivos definidos para este estudo, direcionamos o foco aqui para frente na tentativa de tentar obter dados sobre qual tem sido a contribuição socioeconômica em razão da presença de uma aglomeração de empresas industriais de confecção e do vestuário ligadas à CTC nos municípios de Espinosa e Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais.

Características panorâmicas do aglomerado de empresas CTC de confecção e do vestuário de Espinosa

Conforme apurado pelas entrevistas realizadas entre 2017 a 2019, o aglomerado de empresas industriais de confecção e de vestuário de Espinosa e Monte Azul teve sua gênese decorrente da experiência agroindustrial obtida com a fase áurea do algodão e foi influenciada também por iniciativas pioneiras, como o papel exercido pelo fundador da empresa de confecção e de vestuário AMIL de Espinosa, entre outros, no início dos anos 1990, referência que encontra ecos em vários depoimentos coletados dos entrevistados:

A experiência com a fase do algodão foi importante para criar essa base. Contudo o papel exercido pelo fundador da AMIL Confecções, que figurou como um grande incentivador comunitário para que outros cidadãos se ingressassem no setor de confecção e vestuário, seja como produtor de marcas próprias ou mesmo como faccionista, foi decisivo. (REPRESENTANTE DA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E INDUSTRIAL DE ESPINOSA, 2017)

O proprietário fundador da AMIL Confecções de Espinosa é considerado por nós um “grande empreendedor”, incentivou muita gente a adentrar no setor, principalmente irmãos de igreja, com quem mantinha estreitos laços. Mas não ficou somente aí, devido a seu trânsito social e a importância que a AMIL confecções hoje tem no aglomerado, fez com que muitas facções surgissem e passassem a orbitá-la (AGENTE TÉCNICO DO SEBRAE/REGIONAL NORTE DE MINAS, 2019).

Em Espinosa há disponibilidade de mão de obra barata e farta. Mas o

povo de cultura simples é muito receptivo, favorecendo o surgimento do aglomerado. (DIRIGENTE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL DE ESPINOSA, 2017).

Extraem-se dos depoimentos uma porção de indícios, que podem ser corroborados pela literatura, relacionados às questões sociais imersas como ligações religiosas e lideranças e ações deliberadas (MARSHAL, 1996), a valores imersos (CASAROTTO FILHO E PIRES, 1998; ABRAMOVAY, 2000; SCOTT, 1998) e intangíveis/culturais (KON, 1994), insinuando que a conexão entre esses fatores, sob determinadas condições macro e microambientais no tempo/espaço, podem ter sido decisivas para amalgamar as condições adequadas para a emergência do aglomerado.

Decorrente dessa emergência e evolução contínuas, forças endógenas e exógenas regionais foram mobilizadas em torno da atividade. Condição que favoreceu, em 2016, a implantação do Distrito Industrial de Espinosa, obtido pelas lideranças políticas regionais junto ao Governo do estado de Minas Gerais, que concedeu recursos financeiros, e da Prefeitura, que doou o terreno e a infraestrutura, apostando no crescimento do setor têxtil e de confecções.

A estrutura construída compreende 21 galpões, quatro com área de 750 metros quadrados e outros 17 com 250 metros quadrados. Além disso, a união das empresas no aglomerado criou a Associação “COSTURAR”, como suporte para capacitação de pessoal, absorção e geração de tecnologias e promoção social.

A emergência do aglomerado é favorecida pela parceria entre instituições e órgãos que são decisivos no apoio à sua

trajetória, dentre esses destacam-se: as Prefeituras (Espinosa e de Monte Azul) e suas respectivas secretarias, A associação Comercial e Empresarial de Espinosa, a Associação Costurar de Espinosa, o SEBRAE/Regional Norte de Minas, A FIEMG/Regional Norte de Minas, o SINDVEST/Regional Norte de Minas, o Governo de Minas Gerais/SEDMAM e CODEMIG/BDMG, entre outros.

Estruturais operacionais

Essa seção abrange caracteristicamente no Brasil os segmentos industriais da CTC ligados à confecção e vestuário devido à sua dinâmica, e são predominantemente intensivos em mão de obra, compostos na sua

ampla maioria por micro e pequenas empresas e por atividades informais.

A esse respeito, observou-se a classificação feita pelo IBGE em relação ao porte de empresas industriais, que se baseia no número de funcionários: até 19 (Micro), de 20 a 99 (Pequena), de 100 a 499 (Média) e, com mais de 500 (grande). O aglomerado de empresas industriais de confecção e de vestuário instalado em Espinosa e Monte Azul era composto, em sua totalidade (2016), por empresas de Micro e Pequenos Portes – MPE's, embora transitassem em termos dos respectivos enquadramentos quanto aos portes, nos dois municípios em 2007 e em 2016 respectivamente, conforme Quadro 2.

Porte	2007		2016	
	Espinosa	M. Azul	Espinosa	M. Azul
Microempresa	85,7	100	76	90
Pequena Empresa	14,3	-	24	10
TOTAL	100	100	100	100

Quadro 2 - Distribuição das empresas industriais de confecção e de vestuário de Espinosa e Monte Azul por portes: 2007 e 2016 em %

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Observando o Quadro 2, vê-se que a participação das empresas quanto ao porte no aglomerado CTC de confecção e de Vestuário de Espinosa e Monte Azul se assemelha quase que totalmente com os indicadores oferecidos pela ABIT (2017) relacionados ao ano de 2015. No país, todo o setor registrou em 2015 cerca de 99,7% das empresas como sendo MPE's, aspecto que pode guardar relação com a dispersão desse segmento pelo território brasileiro e abranger grandes regiões produtoras, onde também se verificam médias e grandes empresas.

Além disso, conforme se vê no Gráfico 1, foi demonstrada a distribuição em termos quantitativos do conjunto das empresas atuantes nos dois municípios dentre os segmentos CTC de confecção e de vestuário.

Conforme dados do Gráfico 1, fica clara a distinção entre os municípios no tocante à especialização das empresas nos segmentos com respeito à pauta produtiva.

Em Monte Azul, embora o segmento de confecção e de vestuário seja o destaque predominante, o município registra a presença de outras empresas fabricantes de artefatos têxteis para uso doméstico.

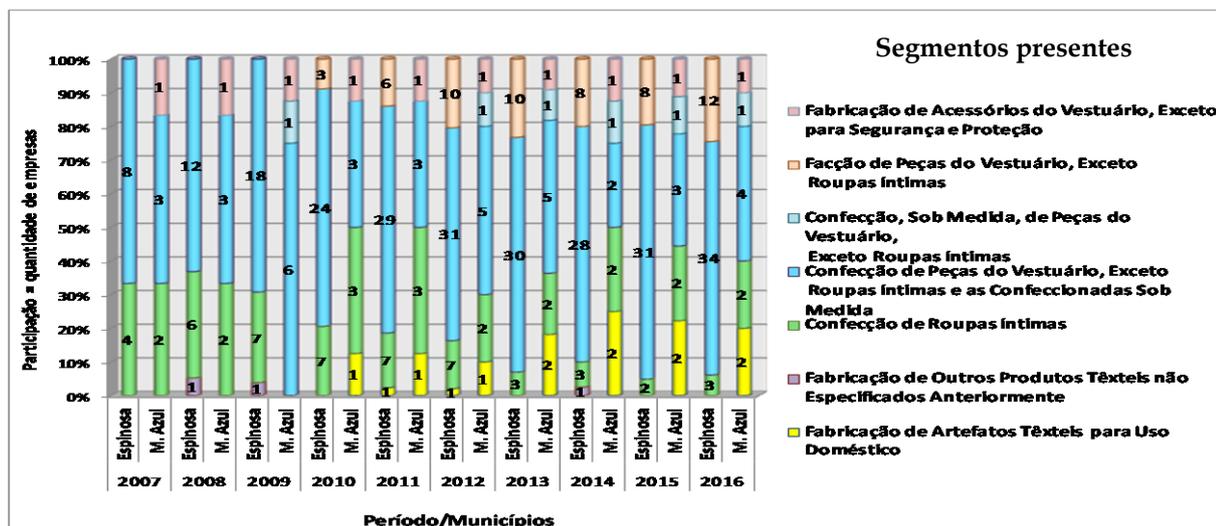


Gráfico 1 - Distribuição das empresas nos segmentos industriais de Confeccção e de Vestuário em Espinosa e Monte Azul - MG

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Já Espinosa, nitidamente vem se especializando em confeccção e vestuário, apesar de ainda existirem algumas empresas produzindo artigos para o uso doméstico. No caso das facções², elas são empresas terceirizadas que atuam, produzindo por intermédio de subcontratação, etapas/fases da produção de confeccionados e de vestuário, cuja importância pode ser verificada nas declarações do representante regional da FIEMG/Norte:

O forte das empresas no aglomerado de Espinosa reside em sua força empregadora com as facções. Elas atuam junto com outras empresas locais, a partir de sistemas de contratualização com magazines brasileiros, tipo lojas Riachuelo, RENNER, entre outros, fazendo com que se constituam, além de importantes empregadoras intensivas, numa estratégia de aprendizagem endógena, que capacita e nutre os cidadãos envolvidos em termos de competências e informações

especializadas sobre a atividade, condições muito úteis, caso optem posteriormente em seguir com suas próprias marcas e coleções (DIRIGENTE DA FIEMG/NORTE, 2019).

Nessa mesma direção, o SINDIVEST/Norte expõe o ponto de vista de seu diretor regional, que recentemente opinou:

Além da empresa Amil, que uma empresa detentora de suas próprias marcas no ramo do vestuário, o grupo proprietário desta empresa também tem facções, que juntamente com outras diluídas entre diversos proprietários, produzem para magazines e lojas de marcas como a TOULON, sendo responsáveis por significativo contingente dos empregos ofertados no aglomerado, principalmente em Espinosa. (DIRIGENTE DO SINDIVEST/NORTE, 2019).

Tabela 1 – Número de empresas e de empregados entre fábricas e facções nos segmentos de confecção e de vestuário

Municípios	Número de empresas		Variação (%)	Número de Funcionários		Variação (%)
	2007	2016		2007	2016	
Espinosa	12	49	308,5	128	734	473,4
Monte Azul	6	10	66,7	38	114	200
Total	18	59	227,8	166	848	410,8

Categoria do Estabelecimento	Número de empresas		Variação (%)	Número de Funcionários		Variação (%)
	2010	2016		2010	2016	
Fábricas: Espinosa + M. Azul	39	47	51,6	293	670	128,7
Facções: Espinosa**	3*	12	300	23*	178	673,9
Total	42	59	73,5	316	848	168,35

*Ano de surgimento das facções no aglomerado

** No período apurado somente Espinosa registrou a existência de Facções

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Conforme se observa na Tabela 1, há nítido crescimento da participação das empresas faccionistas principalmente em Espinosa, no processo de fabricação de confeccionados e vestuário, confirmando sua abrangência e aparentemente corroborando com os depoimentos dos representantes da

direção da FIEMG/Norte e do Sindicato Patronal do setor, o SINDVEST/Norte.

Os segmentos de empresas industriais de confecção e de vestuário presentes tanto em Espinosa quanto em Monte Azul produzem os seguintes produtos, conforme Quadro 3:

Cadeia Industrial Têxtil, de Confecção e de Vestuário - CTC.	Segmentos industriais de Confecção e do Vestuário em Espinosa e Monte	Tipos	Produtos Produzidos
		Fabricação de Artefatos Têxteis para Uso Doméstico	Artigos de Cama, Mesa e Banho em geral e utilidades para o lar.
		Fabricação de Outros Produtos Têxteis não Especificados Anteriormente	Calçados, Chinelos, Sandálias e assemelhados.
		Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas e Confecção Sob Medida	Roupas Femininas; Modinha Feminina; Roupas Masculinas.
		Confecção, Sob Medida, de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas	Roupas Femininas; Modinha Feminina; Roupas Masculinas.
		Confecção de Roupas Íntimas	Roupa íntima: masculino e feminino - cuecas; calcinhas, sutiãs, pijamas etc.
		Facção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas	Roupas Femininas; Modinha Feminina; Roupas Masculinas.
		Fabricação de Acessórios do Vestuário, Exceto para Segurança e Proteção	Boinas; Gorros; Bonés; Chapéus; Cintos; Gravatas; Lenços, entre outros.

Quadro 3: Segmentos CTC/Confecção e de Vestuário em Espinosa e Monte Azul e respectiva pauta produtiva (2016)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Conforme o Quadro 3, há no aglomerado produtivo, abrangendo Espinosa e Monte Azul, concentração de empresas especializadas na fabricação de vestuário,

fato que talvez tenha estimulado a sua denominação midiática como “Polo da Moda” em matérias publicitárias locais, regionais e até estaduais.

Perfil dos empregos formais oferecidos

Na visão de Porter (1999), o tipo de emprego propiciado compreende um conjunto de benefícios entregues à sociedade pelos setores econômicos atuantes em dados territórios. Nesta ótica, o tipo de emprego está ligado a padrões contínuos de produtividade e à oferta de melhores salários e condições decorrentes da melhor conjugação da atuação entre trabalho e

capital, que se traduzem na oferta de bem-estar aos cidadãos.

A partir do Gráfico 2 e seguintes, são oferecidos dados e estatísticas que mostram a participação dos segmentos CTC de Confecção e de Vestuário na oferta dos empregos nos municípios de Espinosa e Monte Azul.

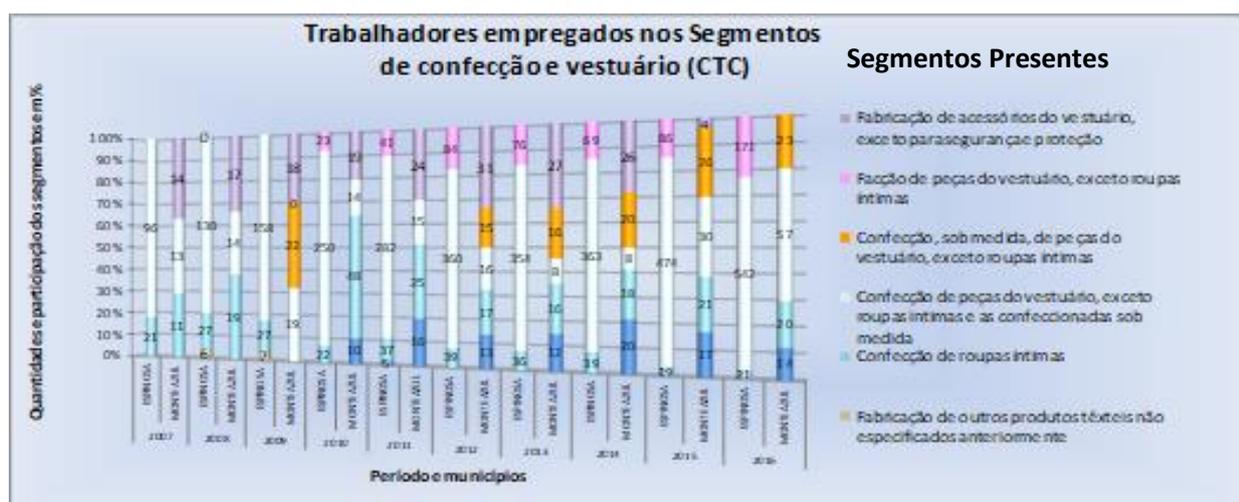


Gráfico 2 - Distribuição dos trabalhadores ocupados nas empresas industriais de Confecção e Vestuário em Espinosa e Monte Azul

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Conforme observado no Gráfico 2, em Espinosa ocorrem os maiores indicadores de empregos oferecidos pelos segmentos CTC de confecção e de vestuário pelas facções de peças do vestuário.

Na sequência, outras análises foram possíveis. Conforme demonstrado no Gráfico 3, o setor da Indústria de Transformação foi desdobrado em dois: no primeiro flanco, por

possibilitar visualizar, em específico, qual é a parcela da contribuição da Indústria da Transformação (CTC) - dos segmentos de Confecção e de Vestuário; no segundo, por agrupar as demais atividades presentes nesses lugares vinculadas à Indústria da Transformação.

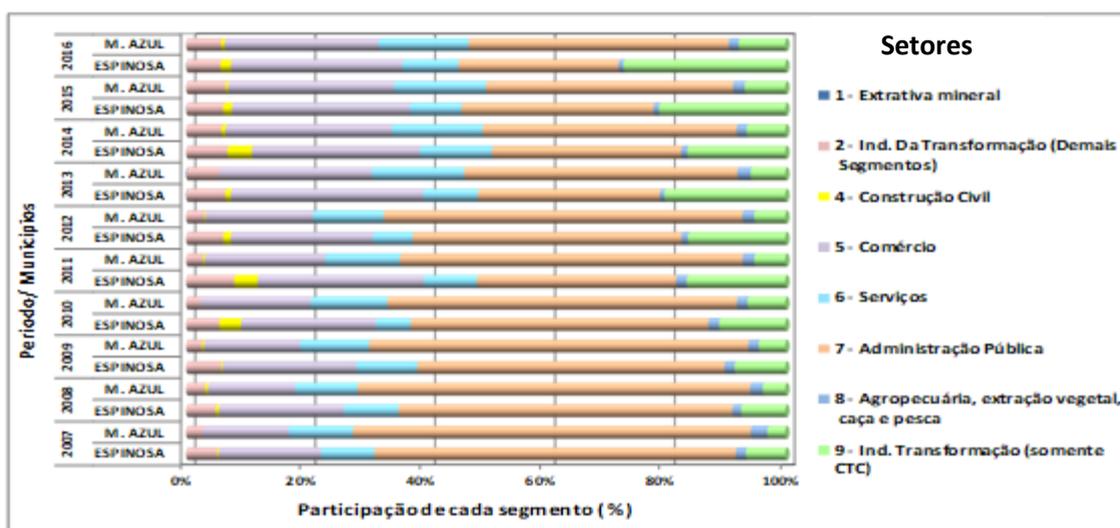


Gráfico 3 - Distribuição dos trabalhadores entre os setores empregadores em Espinosa e Monte Azul (2007/2016): Base IBGE Setor em quantidades e em %

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Conforme demonstrado no Gráfico 3, tanto em Espinosa quanto em Monte Azul, a participação dos segmentos CTC de confecção e de vestuário, na oferta de emprego, veio crescendo entre 2007 e 2016, muito embora os setores econômicos da Administração Pública, Comércio e Serviços ainda se configurassem como os principais empregadores.

Contudo, na expectativa de se obter mais indicativos sobre o Tipo e Valor do Emprego ofertado, as análises seguintes procuram avaliar o perfil do trabalhador empregado pelos seguimentos da CTC de confecção e de vestuário nos municípios em análise.

Perfil do trabalhador ocupado

Os indicadores e análises visaram traçar o perfil geral dos trabalhadores empregados pelos segmentos de empresas industriais de confecção e de vestuário vinculados à CTC, nos municípios em análise, a partir da distribuição dos trabalhadores ocupados, entre 2007 a 2016, pelo sexo feminino ou masculino.

Observando o Gráfico 4, percebe-se que, a exemplo do que ocorre no país, os segmentos industriais CTC de confecção e de vestuário presentes em Espinosa e em Monte Azul empregam em sua maior porção trabalhadores do sexo feminino, oscilando entre 70% a 80% respectivamente. Aspecto curioso, observando o mesmo Gráfico, diz respeito ao aumento gradual no contingente de trabalhadores do sexo masculino. Os trabalhadores do sexo masculino vêm conquistando gradativamente mais espaço nos empregos ofertados pelos segmentos CTC, especialmente em Espinosa. Esse fenômeno mostra certa tendência de as empresas desse aglomerado produtivo de acompanhar o que ocorre em todo país. No Brasil, conforme a ABIT (2017), cerca de 73% de toda a mão de obra empregada em 2015 eram do sexo feminino, praticamente similar ao que ocorre no aglomerado de Espinosa e Monte Azul.

Um fato curioso foi registrado na primeira visita do pesquisador coordenador desta pesquisa, realizada ainda em 2018, para conhecer panoramicamente o aglomerado

nos dois municípios, a fim de realizar algumas entrevistas e estabelecer contatos.

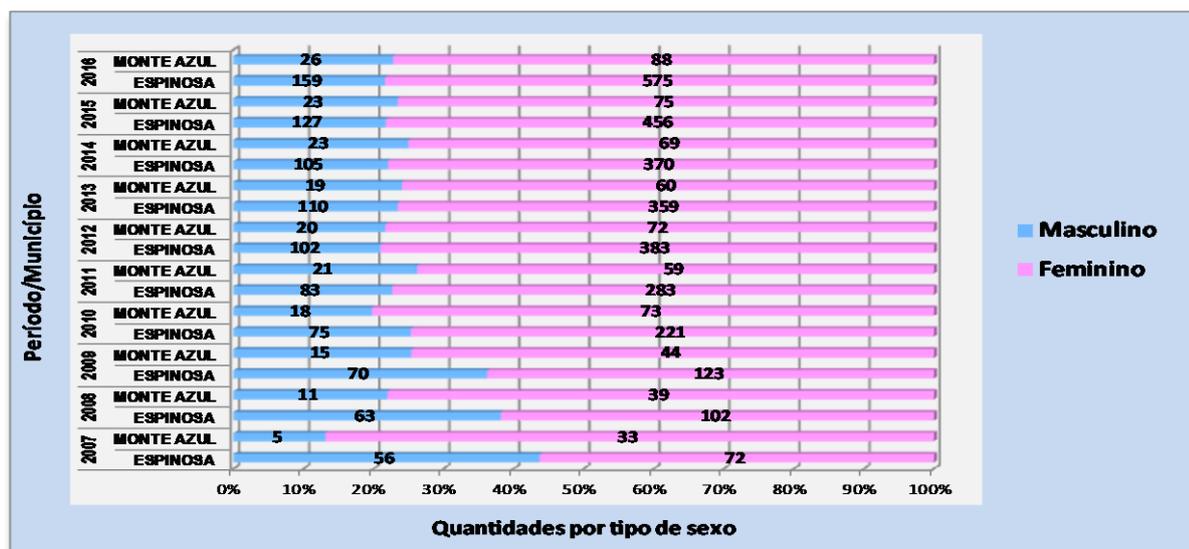


Gráfico 4 - Distribuição dos trabalhadores ocupados nos segmentos industriais de Confecção e Vestuário em Espinosa e Monte Azul por tipo de sexo

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Notou-se que ocorria, naquela ocasião, um curso de qualificação de trabalhadores em costura industrial promovido em parceria com a FIEMG/Norte, voltado a cerca de 25 participantes, sendo que desses, cerca de 5 (20%) era de jovens do sexo masculino. O que nos leva a entender que de fato o setor tem despertado o interesse desse público.

Outro aspecto observado ainda com relação ao perfil do trabalhador, analisa o nível escolar do pessoal ocupado nos segmentos CTC de confecção e de vestuário nos municípios em análise. Conforme se observou, tanto em Espinosa quanto em Monte Azul, a maior concentração de trabalhadores no quesito nível escolar em 2016 está naqueles que detêm o ensino “médio completo”, 65,25% (Espinosa) e 64,91%, (Monte Azul). No país, segundo a ABIT (2017), em 2015 os trabalhadores ocupados no setor podem ser agrupados como detendo a seguinte faixa escolar: 45%

com o ensino médio completo; outros 18% com o ensino fundamental completo; outros 12% com o ensino médio incompleto; 16% tinham cursado séries do ensino fundamental e 4,5 % detinham o nível superior completo. Os dados relacionados ao contingente com ensino médio completo, no aglomerado, se mostraram superior, portanto à média nacional.

No tocante às faixas etárias dos trabalhadores ocupados nos segmentos CTC de confecção e de vestuário no período, percebeu-se tanto em Espinosa quanto em Monte Azul que as faixas etárias que apresentaram frequência de trabalhadores são respectivamente: a faixa que vai de 18 a 24 anos, com 29,15% e 8%; a que vai de 25 a 29 anos, com 24,93% e 26,31%; a que vai de 30 a 39 anos com 32,15% e 35,96% e, a que vai de 40 a 49 anos com 11,17% e 15,8% respectivamente. No conjunto, estas faixas etárias abrangem tanto em Espinosa quanto

em Monte Azul mais de 95% dos trabalhadores ocupados.

Análise da contribuição socioeconômica do segmento industrial de confecção e do vestuário em Espinosa e Monte Azul

Nesta subseção, procurou-se analisar a partir dos dados obtidos junto ao Ministério da Economia/RAIS (2019), ainda que panoramicamente, indicadores que pudessem sinalizar sobre o grau de contribuição no tocante ao tipo e ao valor do

emprego propiciado (PORTER, 1999; BRESSER-PEREIRA, 2019), pelos segmentos industriais de confecção e de vestuário ligados à CTC presentes em Espinosa e Monte Azul. Nesse sentido, observou-se o tempo médio de permanência dos trabalhadores nas empresas (2007 a 2016), a média salarial paga pelas empresas do segmento (2016) e sob quais faixas salariais concentram a maioria dos trabalhadores ocupados (2016).



Gráfico 5 - Tempo médio de permanência dos trabalhadores nas empresas CTC em Espinosa e Monte Azul

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Conforme demonstrado no Gráfico 5, entre 2010 e 2016 o tempo médio de permanência nos postos de trabalho dos trabalhadores dos segmentos de confecção e do vestuário tanto em Espinosa quanto em Monte Azul, apesar de evoluir numa linha ascendente a partir de 2007, demonstrou oscilações entre 2010 e 2012, seguido de uma elevação significativa até 2014 para declinar em seguida até 2016, ano do término do período observado. Observa-se que em Monte Azul a permanência média dos trabalhadores no emprego é superior à média que se verifica em Espinosa, embora nessa última o contingente de pessoal ocupado seja superior em quase 650%, denotando

potencial para influenciar na trajetória do indicador.

Outro aspecto observado na direção da análise sobre o Tipo e Valor do Emprego ofertado pelos seguimentos industriais em análise considera a média salarial e também a concentração dos trabalhadores ocupados em faixas salariais, conforme dados do Ministério da Economia/RAIS (2016).

Conforme observado na Tabela 3, apesar de até aqui já poder ser constatada a relevância da participação na oferta de empregos e salários pelas empresas industriais atuantes nos segmentos CTC de confecção e de vestuário em Espinosa e Monte Azul, percebe-se que a média salarial

praticada pelo setor, se comparada às práticas vigentes em outras regiões do país, se aproxima.

Tabela 2 – Média salarial praticada pelos Segmentos CTC em Espinosa e em Monte Azul, comparada com demais regiões do país (2016)

Regiões/Estado/País/Municípios	Média salarial em nº de Salários Mínimos
Sul	1,94
Sudeste	1,84
Centro Oeste	1,42
Nordeste	1,37
Norte	1,31
Brasil**	1,58
Minas Gerais	1,70
Espinosa	1,12
Monte Azul	1,04

*Salário Mínimo = R\$ 880,00 - ** Média simples extraída da média das regiões

Fonte: Elaboração com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Isso porque, tanto em Espinosa quanto em Monte Azul as médias em salários mínimos estavam abaixo do que era praticado em outras regiões: 1,12 S. M.

(Espinosa); 1,04 S. M. (Monte Azul), indicadores inferiores aos que foram demonstrados em todas as regiões do país.

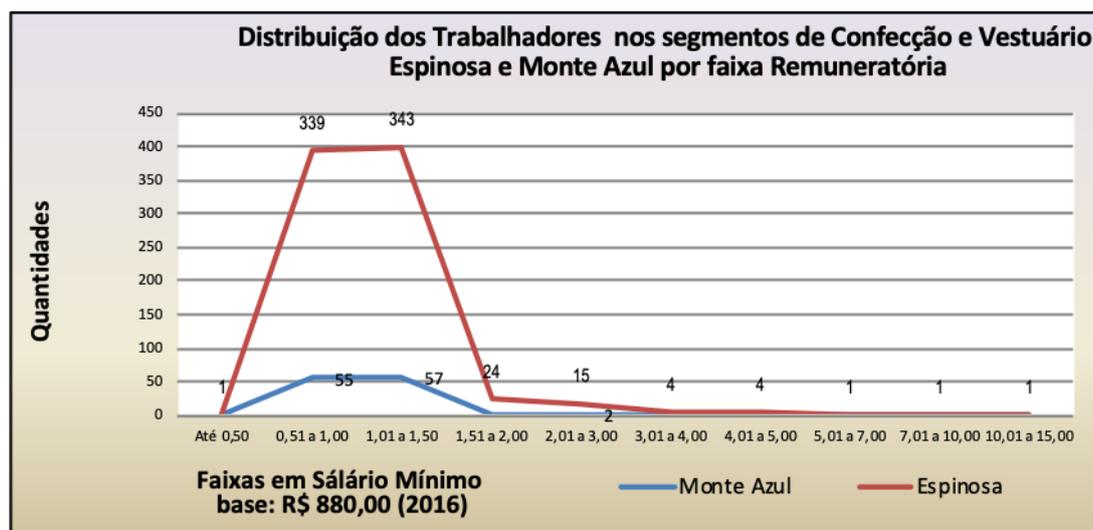


Gráfico 6 – Distribuição dos trabalhadores nos segmentos industriais, de confecção e vestuário em Espinosa e Monte Azul por faixas salariais (2016)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

Para melhor ilustrar a realidade tratada na análise da Tabela 1, o Gráfico 6 situa a concentração dos trabalhadores ocupados nos segmentos de confecção e

vestuário, segundo faixas salariais obtidas junto ao Ministério da Economia/RAIS (2019) com base nos dados de 2016. Percebe-se, com base no Gráfico 6, que a maior concentração

de trabalhadores em ambos os municípios se situa na faixa entre 1 a 1,5 S. M., confirmando os dados da Tabela 2.

A seguir, observou-se também as contribuições dos demais setores econômicos (IBGE Setor) em termos da oferta de massa salarial geral aos municípios

comparativamente no período de análise. Também ali, o setor da indústria da transformação foi desdobrado em dois para permitir destacar em específico a contribuição isolada dos segmentos CTC de confecção e de vestuário.

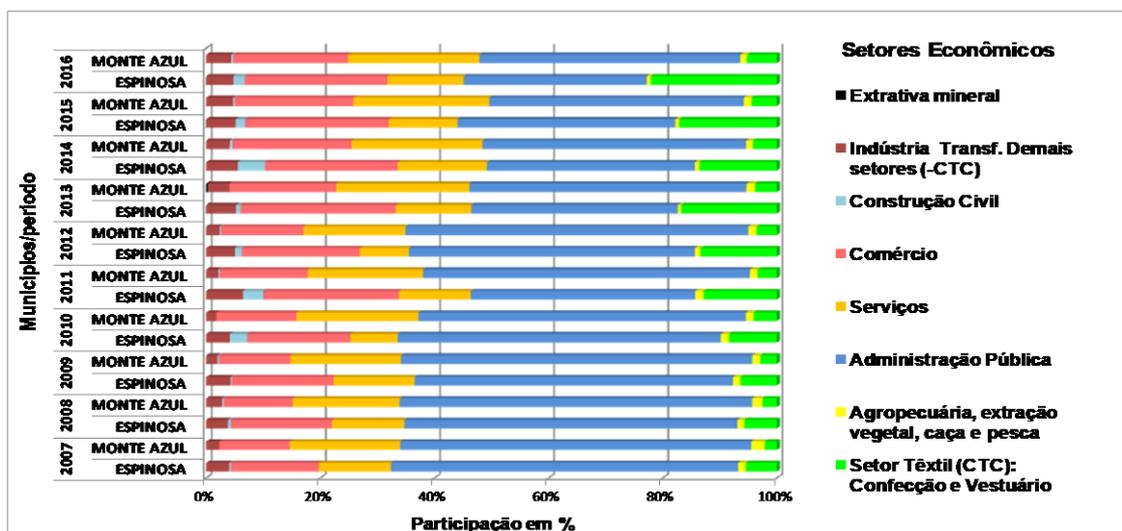


Gráfico 7 - Contribuição dos Setores Econômicos (IBGE Setor) na oferta de salários nominais aos municípios de Espinosa e Monte Azul em %

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Economia/RAIS (2019)

O Gráfico 7 compara a participação de todos os setores na economia dos municípios em análise na oferta da massa de salários nominais (contratuais) aos trabalhadores. Percebeu-se que em 2007, para um volume de R\$1.312.276,16 (Espinosa) e de R\$ 735.502,89 (Monte Azul), em termos de salários nominais propiciados na economia por todos os setores econômicos, os segmentos de confecção e vestuário ligados a CTC participavam em Espinosa e Monte Azul, respectivamente com 5,42% e 2,12%. Já em 2016 esse indicador evoluiu. Do montante de R\$ 3.317.752,39 (Espinosa) e de R\$ 1.980.354,81 (Monte Azul), a participação respectiva dos segmentos da CTC, em termos de salários nominais na economia, saltou, em Espinosa, para 22,10% e em Monte Azul para 5,26%, praticamente quadruplicando os

números em Espinosa e dobrando em Monte Azul no período entre 2007 a 2016.

Esses dados mostram claramente maior repercussão desse fator para Espinosa, quando comparado a Monte Azul. No caso, a contribuição dos segmentos da CTC de confecção e de Vestuário em Espinosa o colocou entre os três maiores na oferta de massa de salários nominais conjuntamente com o setor de comércio/serviços (2º), cuja liderança é da administração pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises propiciadas pelo estudo conduziram a uma compreensão panorâmica estrutural, sobre uma aglomeração industrial ligada aos segmentos CTC de confecção e de vestuário, localizada nos municípios de

Espinosa e Monte Azul, no norte do estado de Minas Gerais.

A escolha dessa aglomeração nesses municípios foi motivada pela ausência de estudos explicativos sobre ela e pela constatação de que os municípios figuraram dentre os principais protagonistas regionais no cultivo e beneficiamento do algodão entre os anos 1950 e 1980, época em que ocorreu o final do ciclo.

A origem do aglomerado se deu aparentemente a partir do início dos anos 1990, decorrente de condições sociais e econômicas precárias dos municípios aliadas a iniciativas empreendedoras de agentes locais que se valeram de oportunidades como abundância de mão de obra, incentivando a criação de novos negócios no lugar propiciando a gênese desse aglomerado produtivo especializado, como maior

concentração de atividades no município de Espinosa.

O estudo evidenciou que o perfil das empresas é compatível com que ocorre no setor no país: predominância de MPE's divididas entre empresas produtoras e fábricas, segmentos e pauta produtiva variada, com maior concentração em artigos do vestuário, além da prática de baixos salários, abaixo da média geral nacional.

O último elemento a ser destacado decorre da importância que esse setor industrial de confecção e vestuário ligado à CTC atingiu naquele aglomerado ao final de 2016 em termos de oferta de empregos e massa salarial, que no caso de Espinosa, particularmente, o colocou como a terceira força empregadora local, atrás apenas do setor de Comércio e Serviços e do setor líder, a Administração Pública.

REFERENCES

ABRAMOVAY, Ricardo. **O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural**. In: Revista de Economia Aplicada. N.2 vol. IV: 379-397, abril/ junho, 2000.

AMARAL, Daniel F. **Efeitos do fim do Acordo Multifibras sobre a produção e o emprego dos setores têxtil e de vestuário no Brasil**. 2008. 118 p. Dissertação (Mestrado) Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz - Universidade de São Paulo - USP, Piracicaba, 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 11. Ed., Campinas, SP: Editora Universidade Estadual de Campinas, 2006. 200 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL - ABIT Brasil). **Setor Têxtil e de Confecção: Momento Atual e Agenda de Trabalho**. Belém - PA, Fevereiro de 2016. 43 p. Disponível em: <http://www.abit.org.br/conteudo>. Acesso em: 23 nov. 2018.

_____. **O setor têxtil e de confecção e os desafios da sustentabilidade**. CNI/ABIT - Brasília: CNI, 2017.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Índice do Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) 2010**. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br>. Acesso em: 05 ago. 2018.

AZEVEDO, A. F. Z.; PORTUGAL, M.S. **A Abertura comercial brasileira e a instabilidade da demanda de importações**. In: Nova Economia, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.37-63, 1998.

- BECATTINI, G. **The Marshallian industrial district as a socio-economic notion**. In: PYKE, F.; BECATTINI, G.; SENGENBERGER, W. *Industrial districts and inter-firm co-operation in Italy*. Geneva: international Institute for Labour Studies, 1990.
- BRANDÃO, Carlos R. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. In: *Sociedade e Cultura*, v. 10, n.1, Jan./Jun. 2007, p.11-27.
- BRASIL. Ministério da Economia. Programa de Disseminação de Estatísticas de Trabalho - PDET/Relação Anual das Informações Sociais (RAIS). Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-rais>. Acesso em: fev a abr. 2019
- BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. **Desenvolvimento, sofisticação produtiva, valor-trabalho e salários**. In: *Nova Economia*, v.29 n.1 Jan.-Abr., p.135-160, 2019.
- BRUNO, Flávio da Silveira. **A quarta revolução do setor têxtil e de confecção: a visão de futuro para 2030**. 1. Ed., São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. 149 p.
- CAMPOS, Antônio C.; DE PAULA, Nilson M. **A Indústria Têxtil Brasileira em um Contexto de Transformações Mundiais**. In: *Revista Econômica do Nordeste*, v. 37, nº 4, Fortaleza - CE, out./dez., 2006.
- CASAROTTO F. N; PIRES, LUIS H. **Rede de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local. Estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. São Paulo: Atlas, 1998.
- COSTA, Eduardo José M. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Ministério da Integração Nacional, Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará (IDESP). Brasília - DF: Mais Gráfica Editora, 2010. 404 p.
- ENDERLE, Rogério; GUERREO, Glaiisson; CÁRIO, Sílvio A.F. **A Gênese da organização industrial localizada e seu papel contemporâneo na inserção de Micro e pequenas empresas**. In: *Revista de Negócios*, Blumenau, v. 10, n.4, p. 235-248, out/dez 2005.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed.(ver.) São Paulo: Saraiva, 2005.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FIRJAN (Brasil). Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal - IFDM. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/ifdm/>. Acesso em: 13 abr. 2019.
- FUJITA, M.; KRUGMAN, P.; VENABLES, A. **The Spatial Economy: cities, regions and international trade**. Cambridge, M.A., The MIT Press, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA - IBRE - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (Brasil). **Análise da eficiência econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira**. Rio de Janeiro, 1999.
- ISARD, W. **Location and space economy: a general theory relating to industrial location, market areas, land-use, trade and urban structure**. Cambridge: M.I.T., 1956.
- ISARD, W. **General theory: social, political, economic and regional**. Cambridge: M.I.T., 1969.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - FJP. **Cadeia Produtiva da Moda de Minas Gerais**. Belo Horizonte - MG (Brasil), Maio de 2016. Disponível em: <http://licitacoes.codemig.com.br>. Acesso em: 24 mar. 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades e estados (Brasil)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12.04.19.

- KON, Anita. **Economia Industrial**. São Paulo: Nobel, 1994.
- KRUGMAN, P. **Geography and Trade**. Cambridge, M.A.: MIT press, 1991.
- MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**. 2. Ed., São Paulo: Nova Cultural, 1996. 368 p.
- MENDES, Sílvia Maria F. **O fim do acordo de têxteis e vestuário: impactos sobre o setor têxtil-vestuário brasileiro**. 2007. 123f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Estadual Paulista – UNESP) Araraquara - SP.
- OLIVEIRA, Marcos F. M. **Formação econômica e social do norte de Minas**. Marcos Fábio Martins de Oliveira; Luciene Rodrigues (Orgs.) Montes Claros: Editora Unimontes, 2000.
- PORTER, Michael E. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. 2. Ed., Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999. 515 p.
- PORTER, M.E. **The economic performance of regions**. *Regional Studies*, v.37, n.6. p.549-578, Aug./Oct. 2003.
- SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia de Pesquisa**. 3. Ed., São Paulo: McGraw-Hill, 2006. 584 p.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SCOTT, A. **The geographic foundations of industrial performance**. In: CHANDLER, Jr. et al., Editors, cap. 16, 1998.
- SUZIGAN, W. **Aglomerções Industriais como Focos de Políticas**. In: *Revista de Economia Política*, vol. 21, nº 3 (83), jul-set 2001.
- VALE, Gláucia Maria V. **Laços como ativos territoriais: análise das aglomerações produtivas na perspectiva do capital social**. 2006. 388 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Administração) Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.
- VON THÜNEN, J.H. **The isolated state**. New York: Pergamon, 1966.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS/INSTITUTO DE ECONOMIA/NÚCLEO DE ECONOMIA INDUSTRIAL E DA TECNOLOGIA. (Brasil) **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil – ECCIB: Cadeia Têxtil e Confecções**. Campinas – SP, Dezembro de 2002. 103 p.

NOTA 1

- ¹ Nesse caso específico, optou-se por não explicitar a identidade dos entrevistados, referindo-se a eles somente como representantes dos órgãos e instituições aos quais se vinculam.
- ² Segundo o SEBRAE, facção é o nome dado às confecções que prestam serviços para outras empresas do ramo que possuem marca própria e foco na comercialização, dentro da cadeia produtiva do setor têxtil. Para mais informações ver: www.sebrae.com.br.

NOTA 2

- (1) Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS/Unimontes. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Especialista em Administração/Psicologia do Trabalho e Desenvolvimento

Organizacional pela Universidade de Brasília/UNB. Graduado em Administração pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, Montes Claros - MG.

(2) Doutora em Ciências Humanas (Sociologia e Política) pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília/UNB. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, Montes Claros - MG.

(3) Doutora em Geografia (Geografia Urbana) pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Especialista em Geografia e Planejamento Ambiental pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC - MG. Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, Montes Claros - MG.

Enviado: 29/07/2019

Aceito: 30/01/2020